

# **GRUPO ESTUDOS KASA INVISÍVEL**

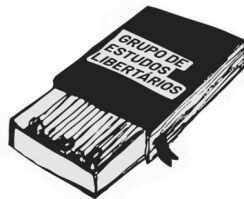
**- ROJAVA -**

**MARÇO 2021**

-

**Abdulla Öcalan  
Murray Bookchin  
Revista Legerin  
Teia dos Povos  
CAB**

-





# O que Há da Experiência de Rojava em Nossas Lutas?

Teia dos Povos

Desde 2012, curdas e curdos iniciaram uma revolução social no norte da Síria, em busca de sua autonomia coletiva enquanto povo. No Brasil, foi muito divulgada como uma luta inspiradora por organizações, movimentos e pessoas que se identificam ideologicamente com a luta, principalmente libertários(as). Mas solidariedade não pode ser apenas na ideologia, abstrata. Ela tem que fazer pontes, ser real e concreta, ver as ameaças e destinos comuns que estão submetidas. O próprio Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), protagonista dessa transformação junto com a União das Comunidades do Curdistão (KCK), se valeu desse tipo de solidariedade, lutando e treinando guerrilheiros (as) junto a palestinos (as) contra o Estado de Israel no Líbano em 1982, mas também construindo o Confederalismo Democrático no nordeste da Síria com armênios, assírios e árabes de diferentes religiões. Pensando nessa solidariedade com pontes, vários fundamentos das lutas de lá estão presentes nas lutas daqui, da autodeterminação dos povos indígenas e comunidades tradicionais, na luta das mulheres, nas lutas por transporte público, moradia, pelos territórios periféricos nas cidades e contra o genocídio. É uma perspectiva de luta conjunta que não conhece as fronteiras do Estado-nação, a aliança entre os povos tão diversos num mesmo Estado-nação, a luta pelos territórios, pela libertação das mulheres, ecologia desde baixo e pela autogestão.

Ainda relativamente pouco conhecida (ou ignorada?) fora dos círculos mais libertários, o pensamento político da luta curda, traduzido em textos fundamentais como os de Abdullah Öcalan, assinala a urgência de uma crítica radical ao Estado-Nação como provedor da autodeterminação de povos minoritários, a exemplo dos que se encontram pressionados pela escalada dos conflitos no chamado Oriente

Médio, trágico legado dos longevos interesses do capital na região. Ao colocar em questão os pilares do Estado-Nação — o nacionalismo/ patriotismo, a ciência positivista, o sexismo e a religiosidade — a defesa do Confederalismo Democrático como “paradigma social não-estatal” aponta a falência do modelo de controle da ordem internacional atualmente vigente, pela incapacidade de oferecer aos povos garantias efetivas de sua liberdade, e denuncia a sua cumplicidade com a submissão destes povos à ordem capitalista e sua democracia liberal.

O Estado Turco, nas suas aventuras imperialistas no Oriente Médio e colonizadoras em seu próprio território, submeteu ao genocídio curdas e curdos - além de outras etnias – desde sua fundação, negando sua existência e as/os considerando como “turcos da montanha”, exterminando qualquer resistência. De maneira muito parecida ao Estado brasileiro – e piorado no atual mal governo daqui – com os povos negros e indígenas, até hoje a Turquia segue sua empreitada racista para matar e apagar a existência de curdas/os. Como a Usina Hidrelétrica de Belo Monte, que destruiu um cemitério Munduruku, roubou a água da volta grande do Xingu, expulsou e grilou terras indígenas e ribeirinhos, uma barragem turca destruiu a cidade histórica de 12 mil anos, Hasankeyf, expulsando a população curda existente na região e afogando sua memória debaixo d'água. Como o “dia do fogo” feito pelas milícias do latifúndio com anuência do Estado brasileiro, o Estado Turco e, atualmente, em conjunto com as suas milícias similares ao Estado Islâmico (DAESH) usam o fogo como arma de guerra, queimando plantações populares e os ecossistemas existentes no nordeste da Síria, contra o projeto ecológico da revolução. Como nas periferias brasileiras onde o racionamento de água é cotidiano e o controle do acesso aos rios pelos grandes empreendimentos e latifúndio em comunidades tradicionais, após a invasão turca em 2018 e 2019 tornou-se comum a limitação da água nas regiões do nordeste da Síria – Rojava -, no momento de

pandemia em que ela é mais necessária do que nunca. Os próprios curdas e curdos também entendem a si como povos indígenas das montanhas.

Num país como o Brasil, cujo território possui dimensões continentais e abriga as seculares consequências de um sistema baseado na exploração da terra, na expiação de povos nativos e na escravização de povos vindos de África, as provocações de Öcalan nos fazem duvidar ainda mais deste artifício de nação forjado para o gerenciamento dos interesses capitalistas, atualizados e reafirmados ao longo de quinhentos e vinte anos. Será mesmo o Estado-Nacional o único arranjo político possível para garantir a autodeterminação dos povos que aqui vivem? Que qualidade de democracia alcançamos com um federalismo ainda tão fragilizado, refém de conglomerados capitalistas, oligarquias regionais, mandonismo de base religiosa e grupos paramilitares ligados à extrema direita? Que qualidade de autodeterminação o povo brasileiro carrega neste século XXI, marcado por índices recordes de violência contra povos indígenas, negros e mulheres, além da destruição do meio ambiente e com ele, do modo de vida dos povos tradicionais como um todo?

Que ruptura com essa ordem exploratória, expiatória, racista e misógina as esquerdas revolucionárias brasileiras têm conseguido propor? Se não conseguem, a que se deve isso?

Tais questionamentos surgem com naturalidade quando os princípios do Confederalismo Democrático nos são apresentados na prática nesta luta pela autodeterminação do povo curdo. Uma autodeterminação que não só não concorre, como também se irmana à luta de armênios e palestinos e outras tantas minorias que coabitam a região; que apresenta como condicionantes para a emancipação as pautas da ecologia e da libertação das mulheres e que faz da autodefesa mais do que uma simples opção pela luta armada, mas um corpo firme cuja vitalidade se afirma no

compromisso radical com a horizontalidade dos processos decisórios, que não apenas respeita a base das trabalhadoras e dos trabalhadores, mas cria condições efetivas de autogestão e auto-organização, passando ao largo dos vícios burocráticos, os quais, infelizmente tem assumido o caráter dos governos populares em outras partes do mundo.

Por outro lado, a solidariedade que faça pontes e inspire não deve sacrificar as complexidades e contradições de cada luta, em nome do didatismo. Sobretudo em meio a guerra do capital contra os povos para se salvar das suas crises econômicas, não é só a repressão aberta, com assassinatos à lideranças, bombardeios, feminicídios que se intensificam. O “veneno da cooptação” do Estado-nação também fragmenta os povos e suas lutas, abrindo o caminho para a morte. Mesmo na experiência revolucionária que existe na prática Confederalismo Democrático no nordeste da Síria e fronteiras próximas, a pressão Turca contra as organizações revolucionárias curdas fez com que o curdistão iraquiano realizasse novas ameaças de guerra contra o Confederalismo Democrático e suas instituições. A acusação que compram da Turquia é a gramática internacional para encarcerar os movimentos populares: terrorismo. Por dentro, iniciam-se diversos questionamentos para pôr fim ao sistema de co-presidência entre homens e mulheres nas instituições da revolução, bem como a confiança excessiva que talvez tenha sido depositada nas organizações do sistema internacional em detrimento do fortalecimento de sua autonomia coletiva no Confederalismo Democrático. Certamente, o contexto de cansaço fruto dos traumas da guerra dificultam e colaboram pra isso. Muitas das divisões e diferenças internas são compreensíveis no nível de esgotamento de recursos, esgotamento mental e social que a guerra gera. Ou seja, as divisões e diferenças não são apenas externas.

Da mesma forma, no Brasil a cooptação e fragmentação que abre caminho para a morte aparece tanto no governo de Jair Bolsonaro, mas também nos governos federais e estaduais supostamente de esquerda. Para além daquelas (es) que saíram do governo federal do Partido dos Trabalhadores (PT) em função do golpe de 2016, mas o governo não saiu deles, os governos estaduais criam divisões nas comunidades para que facilitar os grandes empreendimentos que buscam implementar. A título de exemplo, o governo do Maranhão, de Flávio Dino (PCdoB) criou uma Comissão Estadual de Combate à Violência no Campo e na Cidade (COECV) com diversas organizações da sociedade e representantes do governo, supostamente com o objetivo de diminuir violações de direitos humanos e mediar conflitos por terra. Não bastasse ter sugado para dentro de suas secretarias diversos companheiros (as) de luta, ainda usava o conselho para legitimar despejos em comunidades, alegando que teriam as ouvido antes de serem destruídas.

É a dificuldade de lidar com ex-companheiros (as) que dividiam o enfrentamento lado a lado e que passaram para os braços dos inimigos, mas também para lidar com nossos problemas e divergências internas. A contradição e a complexidade estão presentes em Rojava e do Confederalismo Democrático que existe no nordeste da Síria, tal como se fazem presentes aqui. Olhar pra elas também faz parte do exercício da solidariedade, por que também existem aqui.

Mesmo com isso, sua revolução abriu a cerca para dizer a todo o mundo, e sua mensagem chegou para nós: outros mundos são possíveis e existem, hoje. Com a força dos tambores, maracás, dos cantos, da construção da autonomia no campo e na cidade, nas lutas por comida, água, terra, território, trabalho, transporte e moradia, saudamos a luta curda que cria um mundo novo em Rojava. Lutamos contra os mesmos inimigos, de diferentes fronteiras. Como o Confederalismo Democrático preconizava a união entre curdos, árabes, assírios, armênios de diferentes localidades

e religiões, as revoltas do Brasil fizeram alianças preto, indígena e popular. Por isso, nossa solidariedade também deve ser aprendido! #Riseup4Rojava, contra a ocupação Turca, desde as lutas no Brasil!

---

[\*] Munduruku é um povo indígena que o Estado brasileiro tenta colonizar e destruir ainda hoje, como muitos outros, que residem na região de fronteira entre os estados do Mato Grosso, Pará e Amazonas. A usina hidrelétrica de Belo Monte, que os ataca, foi planejada desde os anos da ditadura brasileira, mas só foi construída e posta em prática no governo Dilma Rouseff, do Partido dos Trabalhadores.

[\*] Embora na presidência esteja Jair Bolsonaro, nos governos estaduais há alguns poucos ditos "governos de esquerda" que fazem oposição por dentro das instituições a ele. Mas se brigam em cima entre si, contra os (as) de baixo praticam uma série outras formas de ataques aos trabalhadores(as), às comunidades tradicionais e povos. Um deles, o governador do estado do Maranhão, Flávio Dino, do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), além de ter sugado vários militantes para o governo, desmobilizando a luta, foi condescendente ou pivô de vários ataques e conflitos junto ao latifúndio e aos grandes empreendimentos no Maranhão



# UMA REVOLUÇÃO SOCIAL PARA NOSSO TEMPO

CAB

*“Mas a revolução universal é a revolução social, é a revolução simultânea do povo dos campos e das cidades. É isso que é preciso organizar, – porque sem uma organização preparatória, os elementos mais fortes são impotentes e nulos.”*

*– Mikhail A. Bakunin*

Aqui no Brasil, os tempos que vivemos são muito duros, e é difícil até mesmo imaginar poder mover as coisas de fato. Crescemos com lentidão enquanto a conjuntura acelerada nos demanda uma capacidade de ação que não possuímos. Na busca por um novo modelo de regulação capitalista, as burguesias veem conduzindo os povos oprimidos para o abismo da precarização e da destruição da terra.

Estamos em guerra, uma guerra entre a humanidade e sua própria sobrevivência, um conflito que vêm se arrastando há séculos e que hoje encontra um dos seus momentos de maior envergadura à medida que o projeto de destruição avança, revelando as verdadeiras armas de destruição em massa de nosso tempo: o mercado financeiro, as escavadoras, as plataformas de petróleo, o agronegócio, as estruturas de dominação cultural; um capitalismo financeirizado como nunca e ao mesmo tempo brutalmente extrativista. Os ricos proclamam que estão dispostos a destruir nosso ecossistema e nossas vidas para que não tenham que renunciar a um milímetro de seus privilégios, é a Quarta Guerra Mundial.

A diferença com os conflitos imperialistas é que é mais importante ganhar o apoio popular do que conquistar territórios e recursos. Não poderemos ganhar através da

‘guerra de posições’ proposta pelas burocracias de esquerda, e também não apenas com uma simples ‘guerra de movimento’, mas uma que enquanto mantemos a iniciativa e evitamos os pontos fortificados do inimigo adentrando suas brechas, seja a guerra de todo um povo contra seus opressores, como afirmava Abraham Guillén; que não se resolverá de imediato e necessita da constância e determinação para a condução de um conflito prolongado. Uma guerra sem militarismo, que não será decidida pela força das armas, pelo contrário, mas pela organização de base das classes oprimidas ao recriar as estruturas para a nova sociedade.

### **Curdistão e o Confederalismo Democrático**

A Revolução de Rojava e o Confederalismo Democrático possui três grandes significados para nós: (1) que as revoluções ainda são possíveis (2) que o caminho do socialismo libertário além de possível é o correto (3) que apesar dos diferentes contextos e raízes há muito o que podemos aprender e adaptar, afinal se entendemos que nossas lutas estão relacionadas, isso quer dizer que possuem um mesmo pressuposto de prática e de projeto.

A busca pela participação nas estruturas de dominação por parte da esquerda burguesa não apenas levou a um distanciamento da classe trabalhadora, mas à ausência de relações entre projetos políticos de transformação e nossos territórios. Se queremos construir alternativas concretas, devemos começar por ali, escutando não apenas Rojava e Chiapas, mas em nosso próprio Brasil as comunidades indígenas, quilombolas, camponesas e nossas favelas e gigantes periferias urbanas; que vivem sob condições do extermínio cotidiano promovido pelo Estado.

Nossa revolução, seja ela presente no Curdistão ou no futuro do Brasil, não se interessa pela tomada do poder político. A ruptura com o patriarcado e o capitalismo

não passa por atalhos, e demanda a ação difusa em todas as esferas (cultural, econômica e política); seu sujeito revolucionário forma-se através do trabalho militante e não está pré-determinado, são as classes oprimidas em toda sua amplitude e diversidade que formam um povo forte. Por isso dizemos que nossa revolução é social, pois age na sociedade, subverte e reconstrói suas estruturas, não disputa poder com o inimigo, mas constrói seu próprio poder sem a necessidade de intermediários. Seu programa é o da emancipação e autogestão em todos os níveis, de corpos e territórios.

### **“Insistir no socialismo é insistir em ser humano”**

Nossa convicção ideológica no Socialismo Libertário se dá pela prática, nossa teoria é para atuar na realidade e nosso programa anarquista é fruto das lutas cotidianas. Isso quer dizer que nossa ação é orientar a militância disseminada nos diversos setores de luta - no campo e na cidade, em trabalhos de produção coletiva, grêmios estudantis, pré vestibulares, sindicatos, universidades, ocupações, associações de moradores, espaços de mulheres, educação popular e cultura, como nas mobilizações e fóruns populares de articulação – buscando estimular e influenciar, mas também é importante ressaltar que somos modificados em igual medida no cotidiano das lutas e dos anseios de nosso povo. E é inserida nessas dinâmicas sociais que uma base ética e uma concepção de estilo militantes também se forjam e se qualificam enquanto frutos de amadurecimento político e reflexão nas lutas cotidianas.

Ricardo Flores Magón dizia que é o próprio povo, são os famintos, são os deserdados os que têm de abolir a miséria. Por mais que possam parecer atrativos, não podemos aceitar atalhos, e reorganizar a sociedade pela democracia de base sem disputar o aparato dominador do Estado-Nação, pressupõe o ataque direto às fontes do privilégio da riqueza e do poder assim como da dominação patriarcal e colonial.

Isso quer dizer romper com o individualismo, valorizar e estimular o sentido comunitário, aquilo que podemos chamar de dimensão coletiva, nos entendendo como parte de um todo. E é organizando esta força coletiva, através de instâncias de debate e decisão que somos capazes de avançar conjuntamente rumo a nossos objetivos

E quando nos unimos coletivamente é que iniciamos um longo processo de aprendizagem, experimentação e emancipação. Afinal, a luta é uma grande escola, nela aprendemos, cultivamos e experimentamos os valores da sociedade que queremos construir, ou seja, não importa tanto onde começamos a nos organizar, o essencial é que os processos de ruptura sejam conduzidos através de práticas condizentes com nosso projeto de sociedade, pois os fins estão nos meios.

Para lutar com efetividade contra a modernidade capitalista não podemos esquecer do internacionalismo, pensar e atuar localmente por um lado, pensar e agir globalmente por outro, tecendo redes e articulações para compartilharmos nossas questões e compactar as diversas resistências contra nossos inimigos em comum, o Capital, o Patriarcado, o Racismo e o Estado. Enquanto lutadoras e lutadores, sabemos que não estamos sós, e que o mundo novo que carregamos em nossos corações reflete-se aos milhões em cada canto do planeta. Como cantam as comunidades Zapatistas: que vivamos pela pátria ou morramos pela liberdade, porém não por esta pátria, mas pela pátria universal.

Construir a luta por vida digna, organizar os povos latino-americanos em movimentos combativos e autônomos, partir de nossos territórios para construir poder popular e pouco a pouco ir consolidando um amplo movimento de massas capaz de derrocar a soberbia das classes dominantes e do imperialismo, apontando para um processo de transformação estrutural da sociedade. Eis nossa tarefa conjunta, que não deve ceder espaço aos egos, às práticas burguesas de difamação, à

violência verbal e arrogância que impedem colocar as diferenças de lado para construir pontos de união e solidariedade. Algo que talvez os ventos de liberdade que sopram desde o curdistão sírio possam ajudar a desenvolver.

O Oriente Médio e a América Latina compartilham uma irmandade surgida pela dor do saque e destruição de suas terras, da negação e genocídio dos povos, do domínio imposto sobre as mulheres, da exploração imperialista sobre a classe trabalhadora. Desta dor hoje fazemos esperança e força para unir o disperso e organizar o desorganizado, sabendo ser e formar aquela alternativa libertária de “um mundo onde caibam muitos mundos”. Se prestarmos atenção conseguiremos escutar, no estrondo e no silêncio, as milhões de vozes que como uma só gritam desde baixo: arriba las y los que luchán!

**Com os oprimidos,  
contra os opressores**

**SEMPRE!**

**Coordenação Anarquista Brasileira (CAB)**

# Para Um Novo Municipalismo

Murray Bookchin

Dada a crescente centralização do estado e a depressão de todas as formas sociais, o problema do desenvolvimento de formas populares de organização social tornou-se a responsabilidade histórica de um movimento anarquista importante. O mito do “estado mínimo” proposto pelos neo-marxistas, pelos descentralizadores da “Nova Era” e pelos libertários da ala direita – por bem-intencionadas que sejam as suas noções – é, em última instância, uma justificação do estado enquanto tal. Dentro do conceito da crise presente, qualquer estado mínimo torna-se uma ideologia ingênua para o único tipo de estado que é possível numa sociedade cibernética de grandes empresas – de fato, um estado máximo. Faz parte da própria dialética da presente situação que qualquer estado não possa ser mais “mínimo” que uma bomba de hidrogênio se não pode transformar num instrumento pacífico. Discutir o “tamanho” de um estado – as suas dimensões, grau de controle e funções – reflete a mesma sabedoria que é inerente às discussões sobre o tamanho da arma que só pode levar ao extermínio da sociedade e da biosfera. O grau das discussões acerca do estado focando os seus objetivos e autoridade permanece num nível de discurso que é tão racional como as discussões sobre o nosso arsenal nuclear conterà armas para destruir o mundo, cinco, dez ou cinquenta vezes. Uma vez chega, quer para os arsenais nucleares, quer para o estado.

Se uma oposição descentralizadora ao estado, à arregimentação e militarização da sociedade americana quer ser de fato significativa, o termo “descentralização” deve então adquirir forma, estrutura, substância e coerência. Expressões como “escala humana” e “holismo” tornam-se clichês enfraquecidos quando não são compreendidas em termos da sua plena lógica revolucionária, isto é, como reconstrução revolucionária de todas as relações e instituições sociais; A criação de

uma economia inteiramente nova, baseada não só na “democracia no local de trabalho” mas na esteticização das capacidades produtivas humanas; a abolição da hierarquia e dominação em todas as esferas da vida pessoal e social; a reintegração de todas as comunidades sociais e naturais num ecossistema comum. Esta projeto implica um corte total com a sociedade de mercado, as tecnologias dominantes, o estatismo, as sensibilidades patricêntricas e prometeicas para com os humanos e a natureza, que foram absorvidas e realçadas pela sociedade burguesa. Cada falso passo nesta direção, é uma falta grosseira em relação ao projeto e à sua essência. Ele admitiria inevitavelmente uma traição total, um apoio ideológico à centralização disfarçada em “descentralização”. Ou o projeto é levado à prática até aos seus mais radicais fins, ou ele entrará em conflito consigo próprio e com os seus objetivos originais.

Qual é o lugar autêntico deste projeto? Não é certamente o local de trabalho atual – a fábrica e o escritório – o qual tem que ser, ele próprio, reconstruído fundamentalmente, partindo do atual campo (hierárquico e tecnologicamente obsoleto) de mobilização da mão de obra, para um mundo criativo que se combine ricamente com a esfera pública e que transcenda o mero conflito de interesses econômicos. Neste sentido, o sindicalismo e o comunismo conselheira, ao perpetuarem o mito do local de trabalho como esfera revolucionária, tornam-se numa forma tosca de marxismo sem as suas manifestas características autoritárias. Tão pouco pede a localização deste projeto situar-se na comunidade isolada ou na cooperativa, a despeito das suas inestimáveis qualidades como escola para aprendizagem dos conhecimentos e resolução dos problemas de ação direta, autogestão e interação social. Nenhuma cooperativa de alimentação substituirá jamais as grandes cadeias de produtos alimentares como a Pão de Açúcar, e nenhuma fazenda de agricultura biológica substituirá os negociantes agrícolas sem que haja mudanças fundamentais na sociedade em geral. Como núcleos numa

sociedade de mercado invasora, elas mal podem esperar enfrentar significativamente uma economia sólida e politizada, baseada em ótimos recursos materiais e, se necessário, na coerção física. Elas podem ser focos de resistência indispensáveis para enfrentar os novos desafios com que hoje se confronta uma oposição revolucionária. Mas a noção proudhoniana de que elas seriam o manancial material de uma nova sociedade que iria gradualmente substituir a velha é totalmente mítica – ou pior, obscurantista. Daí a sutil corrupção da visão do Stanford Research Institute de uma dupla sociedade: uma, pequena e autocomplacente, que viverá pelos cânones da “simplicidade voluntária”; a outra, sólida e esmagadora em números, que viverá pelas necessidades engendradas pela produção de massa e por uma sociedade de massa. Em última análise, esta imagem serve para desviar qualquer conflito que a esfera pessoal, com o argumento da confrontação com os media massificados que esmagam o espírito de resistência da grande maioria da sociedade.

A resistência e a recolonização da sociedade devem surgir da lógica de um conflito baseado claramente entre a sociedade e o estado centralizado, e não de esforços singulares que estão incorporados em esforços comunitários e pessoais. Todas as revoluções têm sido isso mesmo: um conflito entre a sociedade e o estado. E, tal como atualmente o estado centralizado significa o estado nacional, também a sociedade de hoje está a ser cada vez mais representada pela comunidade local - o distrito, a freguesia e o município. A exigência de um “controle local” deixou de significar paroquialismo e insularidade, com a estreiteza de visão que despertou os receios de Marx. No terreno gerado pelo crescimento de uma economia centralizada e cartelizada, o grito para a descoberta da comunidade, da autonomia, de uma relativa autossuficiência, autoconfiança e democracia direta, tornou-se o último reduto de resistência social e crescente autoridade do estado. O esmagador acento que os media têm posto na autonomia local e no municipalismo militante como refúgios para um paroquialismo de classe média - muitas vezes com restrições



exclusivamente racistas e econômicas – esconde a latente ofensiva radical que pode dar uma nova vitalidade às aldeias, subúrbios e cidades, contra o estado nacional. Ainda que escolhamos termos como “socialismo” e “anarquismo” para marcar o contraste com as conotações paroquiais de termos como “municipalismo”, convém não esquecer que mesmo “socialismo” e “anarquismo” têm o seu lado negativo, se realçarmos os aspectos autoritários do primeiro e o falhanço crônico do último para se consolidar organizacionalmente na maior parte dos países do mundo. A verdade é, finalmente, uma linha muito fina que pode facilmente serpentear ao longo do seu curso. Neste aspecto, não existem regras, dogmas e tradições que substituam a consciência.

Deste modo, o município pode facilmente tornar-se o ponto de partida para uma constelação de instituições sociais largamente assentes na democracia direta, verdadeiramente popular e à escala humana, que, pela sua própria lógica, se encontrem em oposição aguda às crescentemente invasoras instituições políticas. Isto deve ser claro: o potencial de um radicalismo libertário é inerente ao municipalismo. Este constitui a base para relações sociais diretas, democracia frontal e a intervenção pessoal do indivíduo, para que as freguesias, comunidades e cooperativas converjam na formação de uma nova esfera pública. Liberto das suas próprias instituições políticas, tais como a sua estrutura presidencial, a burocracia civil e o seu monopólio organizado da violência, ele conserva ainda os seus elementos históricos para a reconstrução (e ulterior superação) da polis, da comuna livre medieval, do sistema de assembleia da Nova Inglaterra, das seções parisienses, da estrutura descentralizada cantonal e da Comuna de Paris.

De certeza que, em si, o município é tão inútil como força social como o são a fazenda comunitária e a cooperativa. Além disso, desde que ele preserve as instituições políticas do estado, permanece não só como uma entidade social

ineficaz, mas também um estado em miniatura. Mas a partir do momento em que os municípios se federam para formar uma nova rede social; que interpretem o controle local com o significado de assembleias populares livres; que a autoconfiança signifique a coletivização dos recursos; e que, finalmente, a coordenação administrativa dos seus interesses comuns seja feita por delegados – não por “representantes” – que são livremente escolhidos e mandatados pelas suas assembleias, sujeitos a rotação, revogáveis e as suas atividades severamente limitadas à administração das políticas sempre decididas nas assembleias populares – a partir deste momento os municípios deixam de ser instituições políticas ou estatais em qualquer sentido do termo. A confederação destes municípios – uma comuna de comunas – é o único movimento social anarquista de ampla base que pode ser visionado hoje, aquele que poderá lançar um movimento verdadeiramente popular que produzirá a abolição do estado. É o único movimento que pode responder às crescentes exigências de todos os setores dominados da sociedade para dar poder e propor pragmaticamente a reconstrução de uma sociedade comunista libertária nos termos viscerais da nossa problemática social atual – a recuperação de uma personalidade poderosa, de uma esfera pública autêntica e de um conceito ativo e participativo de cidadania.

O anarquismo inspirou desde há várias gerações a visão de uma confederação de municipalidades, em parte desde os escritos de Proudhon, e mais notavelmente na obra de Kropotkin. Tragicamente, os teóricos anarquistas do passado foram demasiado sensíveis às armadilhas políticas dos municípios do seu tempo para darem a necessária atenção à anatomia social da municipalidade que jaz por debaixo da sua aparente fachada estatal.

Historicamente, o próprio município foi sempre um campo de batalha entre a sociedade e o estado. De fato, ele antecede historicamente o estado e tem

permanecido sempre em conflito com ele. Tem sido um campo de batalha porque o estado, até data relativamente recente, nunca reclamou por inteiro o município, devido à sua vida socialmente rica – famílias, corporações, a igreja, as freguesias, as sociedades locais, os bairros e as assembleias populares. Estas estruturas ricas de núcleos, apesar das suas divisões internas, têm sido espantosamente impenetráveis à institucionalização política. Ironicamente, a tensão entre sociedade e estado a nível municipal nunca atingiu a situação grave de hoje porque as forças internas da cidade e dos subúrbios possuíam os meios materiais, culturais e espirituais para resistir às tendências invasoras das forças políticas. A vida municipal – ricamente texturizada por redes familiares, compromissos locais, organizações profissionais, sociedades populares e até estabelecimentos de convívio, como cafés – proporcionava um refúgio humano contra as forças burocráticas e homogeneizadoras do aparelho estatal. Hoje, o estado, particularmente o da forma de economia de mercado, ameaça destruir este refúgio e o municipalismo tornou-se o terreno mais significativo da luta contra o estado num terreno não-político. O próprio conceito de cidadania, e não só o de autonomia cívica, está em jogo neste conflito.

É neste momento crucial para qualquer movimento anarquista que procure ser socialmente relevante perante a natureza única da crise americana, reconhecer o significado e a importância do terreno cívico – para explorar, desenvolver e ajudar a reconstruir o seu fundamento social. A política urbana não está predestinada a tornar-se política de estado. Para um anarquista, tornar-se Ministro da Saúde ou Ministro da Justiça num governo republicano é imperdoável. Mas para um anarquista, ajudar a organizar uma assembleia de freguesia, a avançar a sua consciência numa linha libertária, apresentar reivindicações sobre a revogabilidade e a rotatividade dos delegados escolhidos pela assembleia, fazer distinções claras entre formulações de políticas e coordenação administrativa, recusar o burocratismo civil em todas as suas formas, educar a comunidade para o coletivismo e a ajuda mútua e,

finalmente, encorajar relações confederais entre assembleias populares e municipalidade e entre municipalidades, em desafio aberto ao estado nacional – este programa constitui uma “política” anarquista que, na sua lógica própria, contém a negação da política. Para os anarquistas, candidatar-se às eleições... sim, usemos a palavra abertamente – tendo em vista a reformulação das cartas cívicas das cidades e vilas americanas na linha deste programa, não é diferente, em princípio, do que candidatar-se nos sindicatos e locais de trabalho com vista a criar estruturas anarcossindicalistas. A diferença de situações não é sobre o ponto dos anarquistas se candidatarem a “eleições” ou se envolverem na política. A diferença real está em se o terreno da sua “campanha eleitoral” e da sua “política” se situa na esfera estatal ou na esfera social. O argumento sindicalista tradicional de que é perfeitamente válido os libertários apresentarem-se às eleições no local de trabalho e nos sindicatos, assenta no pressuposto duvidoso de que este terreno está fora do aparelho de estado e permanece uma arena revolucionária. Perante a crescente interrogação posta pelas realidades, eles mantêm a afirmação de que o local de trabalho e os sindicatos, como organizações de classe, não são nem instituições burguesas nem estatais. Encerrar a discussão sobre estas propostas com o argumento de que as atividades cívicas são uma capitulação perante a política burguesa é ignorar realidades muito fortes sobre a própria esfera cívica – ou, para usar termos mais tradicionalmente anarquistas, sobre a esfera comunitária. Como resultado disto, aparências como “eleições”, “deputados”, e “coordenação” são tirados do contexto no qual ganham todo o sentido e conteúdo. Tornam-se termos autônomos e flutuantes que determinam uma política sem discernimento nem a matéria da realidade.

Isto deve ser muito claro: nos Estados Unidos, as fábricas são virtualmente mudas, enquanto que as cidades, particularmente os guetos e os subúrbios não estão. Hoje, os trabalhadores americanos podem ser atingidos mais rápida e receptivamente como vizinhos e cidadãos do que como trabalhadores assalariados das fábricas –

uma situação que envolve consequências muito graves numa discussão sobre a classe operária americana. Se os grupos anarquistas dos Estados Unidos – apoiando-se nas suas tradições do século XIX, no seu ligeiro anti-estatismo e no seu economicismo – ignorarem o conflito histórico entre as periferias sociais chamadas vilas, freguesias e cidades, por um lado, e o estado, por outro, eles ganharão as suas bandeiras negras, não como bandeiras de protesto, mas como mortaldas. A demarcação entre estatismo e anarquismo deve ser sempre clara, mas também o deve ser a demarcação entre sociedade e estado, ou então não conheceremos nunca o tempo em que a batalha terá lugar. Na crise histórica com que nos confrontamos, que a própria vida pública ameaça fazer desaparecer, a recriação de uma esfera pública – à escala humana, diretamente democrática, e composta de cidadãos ativos – é talvez a responsabilidade mais premente do nosso tempo. Porque sem essa esfera pública, que deve ter tangibilidade cívica e substância se quiser ser mais do que simples metáfora, as próprias condições e substância para o protesto teriam desaparecido.

## **Postscriptum**

O último número de Comment terminava com uma discussão sobre o “novo municipalismo” como projeto focal do anarquismo para os anos futuros. Parece apropriada uma discussão sobre o tema “anarquismo: passado e presente”, tratando, embora levemente, os problemas que este projeto levanta e a filosofia libertária que lhe serve de base.

Existem dois campos que o anarquismo reclamou historicamente para a sua intervenção: o local de trabalho e a comunidade. Tanto na oficina artesanal como na povoação, na fábrica como no conselho, a teoria anarquista sugere, quando não afirma explicitamente, que ambos estes campos são mais sociais do que estatais. O local de trabalho, particularmente a fábrica industrial, encontrou a sua apoteose nos

sindicatos anarcossindicalistas e nos diversos movimentos para a “democracia no local de trabalho”. Se este campo pode olhar-se hoje como “necessariamente” ou “potencialmente” revolucionário, é uma questão em aberto que requer uma discussão aparte e é agora assunto de largo debate, quer nos meios marxistas, quer nos meios anarquistas. Que líderes anarcossindicalistas possam ter ocupado altos cargos estatais não é argumento que invalide a interpretação sindicalista das ideias anarquistas, tal como o não é o fato de que os mutualistas e possibilistas do século XIX – que privilegiaram a atividade municipal – possam ter sido atraídos para a política parlamentar.

Será que o que é realmente importante é o significado por nós atribuído ao novo municipalismo? os anarquistas tradicionais tinham da vida municipal a visão de um parlamentarismo local, cujos fins últimos estavam na política eleitoral. Será assim? Também se poderá argumentar que o sindicalismo, de qualquer tipo, envolve uma adaptação à hierarquia industrial e à racionalização, e conduz em última instância, a uma política de sindicatos burocratizados – um argumento que tem mais história atrás de si, do que a atividade municipal. Nós devemos ser muito honestos conosco mesmos, neste período crucial da história. Se um movimento anarquista nos Estados Unidos não se torna uma coligação livre de indivíduos, comunidades, cooperativas e grupos de afinidade – vitais como são a própria natureza e integridade de um tal movimento - ele não poderá implantar-se numa larga base de desenvolvimento social. E tal desenvolvimento compreende a esmagadora realidade de que a grande maioria dos americanos vive numa ou noutra forma de fixação urbana. Convém realçar que, se um novo municipalismo apenas significar uma política liberal, social-democrática ou mesmo "radical", confinada à melhoria dos serviços para os pobres, idosos e desprotegidos, então ele será um remendo do reformismo paroquial que, finalmente, fornecerá uma maquiagem ao sistema, em vez de o desafiar. Mas se um novo municipalismo for guiado por um programa radicalmente diferente, ele pode

tornar-se numa visão revolucionária praticável e muito necessária que engloba respostas ecológicas, feministas, étnicas, homossexuais e cívicas libertárias – com o carácter fundamental de serem respostas cívicas, ou, mais precisamente, comunitárias.

Os requisitos minimamente indispensáveis para a realização desta visão são:

- 1- a formação de um movimento anarquista de elevado comprometimento e altamente consciente. Sem o desenvolvimento desse movimento, antes de tudo, o municipalismo degenerará inevitavelmente em reformismo e parlamentarismo;
- 2- o encorajamento e desenvolvimento de assembleias populares em áreas urbanas e conselhos;
- 3- e só então, poderia esta visão ser corporizada num movimento consciente largamente apoiado, uma Confederação de Municípios, que interligasse aquelas assembleias com comunidades urbanas mais vastas e, por fim, entre municipalidades que contestassem o estado e o governo nacionais, consciente e radicalmente. As suas reivindicações: a reformulação das cartas cívicas de todas as cidades e vilas, para eleger (com direito a revogação e com rotatividade) os deputados conselhos a partir das assembleias populares, encarregando-os de funções mais administrativas do que políticas. Estas novas cartas, estando em franca contradição com a “Constituição” Federal, dariam às municipalidades o direito de municipalizar a indústria, os solos e o comércio; de determinar as suas necessidades sociais e de satisfaze-las; e finalmente de suplantar as instituições nacionais do estado pelas instituições confederais das comunidades locais.

É nesta base que um novo anarquismo americano se pode e deve fundamentar para adquirir a relevância, a influência e o potencial revolucionário capaz de enfrentar a crise que se lhe deparará. Não perceber que o anarquismo pode orientar a maré de um ódio popular irresistível (não se pode descrevê-lo de outra maneira) contra a centralização, burocratização e interferência governamental em todos os aspectos da vida; não perceber este fato determinante, seria uma incrível miopia e condenaria o anarquismo ao destino de uma mera tendência periférica na orla de uma monumental tempestade social.

Em 19 de Abril de 1871, a Comuna de Paris proclamou no seu Programa Oficial ao Povo de França: “Exigimos a total autonomia da Comuna, extensiva a todo o território de França, assegurando a cada um a plenitude dos seus direitos, e a todos os franceses a livre expressão das suas faculdades como homem, como cidadão e como trabalhador”. Sabendo que estas proclamações foram feitas há um século, podemos pedir menos do que isto?



# **Murray Bookchin e Abdullah Öcalan – Correspondência 2004**

- Reimar Heider, Intermediário de Öcalan, para Murray Bookchin e Janet Biehl
- Murray Bookchin para Reimar Heider
- Reimar Heider e Oliver Kontny para Murray Bookchin
- Murray Bookchin para Reimar Heider
- Reimar Heider e Uta Schneiderbanger para Murray Bookchin e Janet Biehl
- Janet Biehl para Reimar Heider e Uta Schneiderbanger

**Reimar Heider[1], Intermediário de Öcalan[2],  
para Murray Bookchin[3] e Janet Biehl[4]**

6 de Abril de 2004

Caros amigos,

por favor deixem-me apresentar: Meu nome é Reimar Heider, e eu sou um dos tradutores alemães dos livros de Abdullah Öcalan, prisioneiro político e o mais influente pensador e político Curdo.

Öcalan tem estado em confinamento solitário pelos últimos cinco anos. Durante esse tempo ele leu as traduções turcas de alguns dos livros de Murray Bookchin, especialmente “The Ecology of Freedom” e “Towards an Ecological Society” que os influenciaram profundamente. Ele reconstruiu sua estratégia política em torno da visão de uma “sociedade democrática ecológica”, e desenvolveu um modelo para construir uma sociedade civil no Curdistão e no Oriente Médio. Ele tem

recomendado os livros de Bookchin para cada prefeito em todas as cidades curdas e queria que todos os lessem.

Eu não sei se o Sr. Bookchin está informado sobre isso, mas eu tenho certeza que ele se encantará ao escutar sobre. Seus livros, especialmente “The Ecology of Freedom”, são lidos e muito discutidos agora na Turquia e no Curdistão (Eu mesmo li “The Ecology of Freedom” em turco e alemão e dei um seminário sobre).

Lamento que ainda não haja disponíveis as traduções em inglês dos últimos livros de Öcalan. Eu gostaria muito de demonstrar a você a influência do Sr. Bookchin e outros livros sobre ele. Mas se algum de vocês compreende alemão eu posso enviar a vocês algumas páginas de seu último livro.

Infelizmente eu não fui capaz de encontrar o e-mail do Sr. Bookchin. Eu estou certo de que você pode me ajudar com isso se ele tiver um. Se não, eu espero que você possa encaminhar a ele minhas mais calorosas saudações. Eu gostaria muito de poder entrar em contato com ele.

Obrigado por sua ajuda,

Reimar Heider

\*\*\*

## **Murray Bookchin para Reimar Heider**

11 de Abril de 2004

Caro Reimar Heider,

Obrigado por sua carta eletrônica de 6 de Abril. Você deve saber que eu sou homem bastante idoso (83 anos) que é virtualmente incapaz de andar por causa da osteoartrite e problemas no coração. Eu te digo isso para explicar porque eu geralmente atraso a responder as cartas, especialmente e-mails. Eu também devo alertar você de que pessoas que professam falar em meu nome, não necessariamente falam por mim – exceto por minha companheira, Janet Biehl, a qual eu divido meu endereço de e-mail e com quem eu moro. (Por favor anote o endereço de e-mail dela)

Como a maioria dos Americanos, infelizmente, eu conheço muito pouco sobre o PKK e Abdullah Öcalan, embora eu me lembre das notícias de sua prisão anos atrás. Graças a nossa imprensa paroquial, os americanos são mal informados sobre os assuntos curdos. (Mesmo os Curdos Iraquianos são muito negligenciados por nossos correspondentes de guerra). Eu aprendi apenas poucos dias atrás que o Sr. Öcalan tem estado sob sentença de morte há cinco anos e atualmente está em confinamento solitário. Eu sinceramente espero que ele esteja lidando com sua situação.

Nós estamos, entretanto, familiarizados com a língua alemã, então você não precisa se preocupar se nós entenderemos a literatura que vocês nos enviou nessa língua. Me envie o que você quiser, embora eu serei obrigado a responder em Inglês. O problema que eu enfrento em escrever rápido é somente uma questão de minha saúde debilitada e os problemas médicos.

Você também deve saber que embora eu fundei o Instituto para uma Ecologia Social, junto a Dan Chodorkoff[5], há uns 30 anos atrás em Vermont, a escola desde então se tornou muito diversificada e não reflete consistentemente as minhas visões. Parte de sua equipe se direcionou para visões anarquistas que eu considero juvenil e uniformizada, com a qual eu não tenho simpatia. Eu digo isso para pedir a você que escreva diretamente a mim pelo endereço de e-mail de Janet, onde eu posso ao menos aproveitar uma livre correspondência, livre da interferência dessas crianças “libertárias”.

Quando a mim, eu tenho estado ativo na esquerda americana por uns 70 anos como um sindicalista e como professor. Em síntese, eu sou a minha própria maneira uma história ambulante do século vinte, e sempre tentei olhar para além das ideias que as pessoas congelam em dogmas. THE ECOLOGY OF FREEDOM e TOWARDS AN ECOLOGICAL SOCIETY, ambos datam aos anos 1980. Além disso, você deve saber que THE ECOLOGY OF FREEDOM foi apenas parcialmente traduzido para o alemão. (eu acredito, entretanto, que a tradução turca esta completa). Eu também tenho escrito livros e artigos sobre o meu conceito de municipalismo libertário, confederalismo, o significado de politica como distinto de parlamentarismo, e as lições a serem aprendidas da tradição revolucionária. (Eu recentemente completei um livro em quatro volumes sobre esse ultimo tópico, o terceiro volume esta para ser publicado no próximo mês pela Continuum Publishers em Londres). Esses escritos – especialmente THE RISE OF URBANIZATION AND THE DECLINE OF CITIZENSHIP, que foi traduzido para o alemão e o turco – podem ser de seu interesse e do Sr. Öcalan. Esses escritos mais recentes tem provocado um considerável interesse na América Latina, Escandinava e outras partes da Europa, e na Austrália.

Ainda há muito a ser explorado, o que minha saúde e idade me proíbem de fazer. Se você quiser continuar a escrever para mim, eu te peço por favor para ser paciente com um antigo radical. Eu desejo expressar minha profunda preocupação pelo Sr. Öcalan.

Cordialmente,

Murray Bookchin

131 Main Street, apt. 301

**Burlington, VT 05401 USA**

tel: (802) 863-4545

[jbiehl@together.net](mailto:jbiehl@together.net)

\*\*\*

**Reimar Heider e Oliver Kontny[6] para Murray Bookchin**

5 de Maio de 2004

Caro Murray Bookchin,

Temos o prazer de informar que após nossa correspondência, informamos os advogados de defesa do Sr. Öcalan em Istambul sobre o conteúdo de sua carta. Um membro do time de defesa, Sr. Aydinkaya, mencionou brevemente a questão ao Sr. Öcalan durante sua última visita legal. Sr. Öcalan estava aparentemente muito satisfeito com a sua preocupação e pediu que seus representantes entrem em contato com você imediatamente. Ele mandou seus calorosos cumprimentos e declarou que os dois escritores com os quais atualmente ele está mais engajado são você e Immanuel Wallerstein[7]. Sr. Öcalan enfatizou que ele pensa ter adquirido um bom

entendimento sobre suas ideias; na verdade, ele se referenciou como um bom estudante seu. Ele instruiu seus advogados a enviar para você seu último manuscrito o mais rápido possível. Este é um manuscrito que ele acabou de rascunhar para a audiência de 9 de Junho de 2004 de seu caso diante da Grande Câmara da Corte Europeia dos Direitos Humanos. A tradução do documento para a língua inglesa está sendo feita por uma companhia na Turquia; nós esperamos ser possível presentear você com uma cópia legível do texto em Junho.

O Sr. Öcalan diz que lastima que houve algumas deficiências na tradução turca dos quatro livros seus que ele leu, e de que existem alguns pontos em que ele discorda de suas ideias. O que ele enfatizou especialmente, entretanto, foi que ele está ansioso para seguir seu pensamento e ajudar a torná-lo mais frutífero em termos da sua aplicabilidade nas sociedades do Oriente Médio. Ele gostaria de assegurar que você não precisa se preocupar com a falta de apreciação de alguns de seus jovens seguidores pelas sutilezas e dinâmicas do seu pensamento, visto que o Movimento de Libertação Curdo está determinado a implementar com sucesso suas ideias. Ele acrescentou algo no sentido de que ele acredita que os três livros que ele escreveu na prisão, podem, tomados juntos, oferecer algumas respostas para dilemas teóricos e práticos que a teoria marxista foi incapaz de entrar em acordo nos últimos 150 anos. Ele afirma claramente que agora pensa ser teoricamente insustentável conceber a formação do Estado na Antiga Mesopotâmia como um desenvolvimento “inexorável” ditado por causalidades históricas e necessárias ao progresso humano. Nesse novo manuscrito, o Sr. Öcalan reavalia algum de seus argumentos anteriores sobre a transição do Neolítico para as primeiras sociedades estatais hierárquicas e fez alguns pontos originalmente incríveis sobre as ramificações epistemológicas da teoria do caos para os estudos sociais e históricos, e para as perspectivas políticas que estão sendo derivadas de conceituações teóricas da história da humanidade. Ele também explora as consequências que isso tem para sua própria concepção da

história da Mesopotâmia, e para as conclusões políticas que ele tirou de seu trabalho anterior, assim, abandonando completamente o paradigma da construção de Estados como o objetivo de processos emancipatórios. Ele ainda elabora sobre o conceito de uma sociedade eco-democrática e a implementação prática do municipalismo libertário no Curdistão.

Ele enfatizou, entretanto, de que seu trabalho não é e nunca poderia ser o trabalho de um acadêmico mas de alguém procurando por caminhos práticos para sair da crise que os Curdos e o Oriente Médio enfrentam. Ele expressou algumas críticas impressionantes sobre o discurso científico ocidental e enfatizou que a sua própria abordagem seria sempre informada por uma releitura contemporânea dos discursos tradicionais do Oriente Médio.

Em vista das óbvias dificuldades na comunicação com o Sr. Öcalan, nós estamos mais que do que felizes em ajudar a facilitar a sua comunicação com ele.

Ansioso por saber sobre você,

Atenciosamente,

Reimar Heider

Oliver Kontny

\*\*\*

## **Murray Bookchin para Reimar Heider**

9 de Maio de 2004

Caro Reimar,

Obrigado por transmitir os comentários do Sr. Öcalan para mim. Eu estou satisfeito que ele acha que minhas ideias sobre municipalismo libertário podem ser uteis para pensar um futuro corpo político Curdo.

Eu também aprecio os esforços para mediar um diálogo entre o Sr. Öcalan e eu. Eu peço que você entenda que eu sou um velho muito frágil de 83 anos; de que eu não posso mais sentar diante de um editor de textos por horas e escrever artigos ou mesmo cartas; e que mesmo ler por mais de algumas horas no dia é muito difícil para mim. (Mesmo com essa breve carta, eu precisei da ajuda de Janet). Eu sou obrigado a passar muito do meu tempo na cama. Assim, eu não estou em posição de continuar um extensivo diálogo teórico com o Sr. Öcalan, por mais que eu gostaria de fazer, e posso no melhor, prover apenas respostas rápidas e incompletas. Lamento profundamente essa perda, mas tenho cada vez mais chegado a um acordo com a inexorabilidade do envelhecimento e da mortalidade.

O Sr. Öcalan parece preocupado em deixar claro que ele precisa recorrer a outras fontes intelectuais além da minha, especialmente as do Oriente Médio. Ele deve ter a certeza de que eu ficaria profundamente perturbado se também não fizesse uso total dessas outras fontes.

Por favor, dê ao Sr. Öcalan meus melhores votos. Minha esperança é que o povo Curdo um dia estabelecerá uma sociedade livre e racional, que irá permitir seu brilho



florescer uma vez mais. Eles são realmente afortunados por ter um líder com os talentos do Sr. Öcalan para guiá-los.

Atenciosamente,

Murray Bookchin

\*\*\*

**Reimar Heider e Uta Schneiderbanger[8] para Murray Bookchin e Janet Biehl**

10 de Dezembro de 2004

Cara Janet Biehl, caro Murray Bookchin,

Nós gostaríamos de informar vocês que sua gentil carta com suas observações positivas sobre o Sr. Öcalan foi lida na 2º Assembleia Geral do Congresso do Povo do Curdistão[9], que aconteceu nas montanhas curdas nesse verão, e foi muito aplaudida.

As condições de aprisionamento do Sr. Öcalan não melhoraram, na verdade, agora ele tem possibilidades ainda mais limitadas de se comunicar com o mundo exterior ou mesmo com seus advogados e sua família. Portanto está se tornando cada vez mais difícil organizar uma troca de pensamentos através dos muros de sua cela de prisão. Entretanto, em vários, dos raros encontros com seus advogados, ele novamente recomendou os livros de Murray Bookchin, especialmente “Urbanization without Cities”.

Nós mandamos para você antes, uma parte do livro dele de 2003, onde ele se refere a uma remodelação da comunalidade nas vilas e cidades Curdas. Em seu último livro, que apareceu esse ano em Turco, ele deu muito mais espaço a ascensão da hierarquia na sociedade humana e enfatizou especialmente o caráter patriarcal da hierarquia e da civilização de classes. Ele apresenta um modelo de civilização, que não se concentra apenas na luta de classes isolada, mas que enxerga a “sociedade natural” como a oposição à sociedade de classe através da história. A sociedade “natural” se manifesta na forma de grupos étnicos, movimentos de classe e religiosos, e grupos filosóficos que defendem sua liberdade. Na visão dele, a subjugação da mulher desempenha um papel importante na subjugação dos indivíduos livres. Portanto, ele dá uma ampla descrição do processo do estabelecimento do sistema patriarcal.

Este livro também contém uma bem explícita crítica do marxismo dogmático clássico, no qual o Sr. Öcalan comprometeu-se a aderir em si por muito tempo. Ele especialmente critica a abordagem do socialismo real sobre a violência, o poder e o Estado. Um grupo revolucionário que não difere fundamentalmente de seus oponentes em relação a esses tópicos está danado a ser absorvido pelo sistema, como o socialismo real foi absorvido pelo capitalismo. Ele saúda o movimento das mulheres como o mais importante movimento revolucionário do século 20, porque com a análise do sexismo em todas as esferas da sociedade, e especialmente nas ciências sociais, relevou mais sobre os conflitos essenciais na sociedade do que qualquer outra escola de pensamento fez anteriormente.

Em seus trabalhos, o Sr. Öcalan frequentemente se refere a conceitos como sociedade ecológica e municipalismo libertário, apesar de que ele enfatiza pontos diferentes do seu (Murray Bookchin).

Cara Janet,

Do que nós sabemos de suas publicações, que infelizmente não foram traduzidas para o turco ainda, você também pode estar interessada em discutir ou criticar os pontos de vista do Sr. Öcalan. Nós sabemos que ele aguarda críticas, especialmente por que sua possibilidade de discutir seus pensamentos são extremamente limitadas devido ao seu solitário confinamento, que tem durado pelos últimos 6 anos.

Desde o começo dos anos 80, um movimento de mulheres emergiu no Curdistão, o qual tem ganhado considerável força atualmente. O desenvolvimento do movimento das mulheres é intimamente ligado as lutas de libertação curda e aos esforços do Sr. Öcalan. Seu debate com o movimento de mulheres curdas sobre a posição da mulher na sociedade o influenciou consideravelmente, e os pensamentos citados acima são hoje discutidos mais intensivamente no movimento de mulheres.

Mulheres curdas exiladas na Europa estão muito interessadas em construir uma ponte entre os debates que são conduzidos nas montanhas e cidades do Curdistão e movimentos e ativistas de outras partes do mundo. O movimento de mulheres Curdas na Alemanha, onde a maioria dos exilados curdos vivem, então organizaram o 1º Festival Internacional da Mulher nesse verão, para ampliar a discussão sobre as perspectivas da luta de libertação curda e o papel da mulher na sociedade. Mulheres de diferente países tomaram parte em discussões sobre paz e violência contra a mulher. O slogan do festival foi “Mulheres cruzam fronteiras e se unem!”. Em 2005 o principal tópico do 2º Festival será a ecologia. Nós gostaríamos de convidar mulheres de todas as partes do mundo e imaginamos em princípio que você possa estar interessada em participar de nossas discussões.

\*\*\*



## **Janet Biehl para Reimar Heider e Uta Schneiderbanger**

11 de Dezembro de 2004

Caros Uta Schneiderbanger e Reimar Heider,

É emocionante saber que os comentários de Murray Bookchin foram lidos para a segunda assembleia geral do Congresso do Povo no Curdistão no verão passado, e é gratificante saber que muitos curdos agora veem suas ideias favoravelmente.

Muito obrigada por sua carta de 10 de Dezembro, e por favor aceite minhas desculpas pela demora em responder você. Eu demorei porque Murray disse que queria escrever para você, e eu acredito que sua vontade é genuína, mas até essa data sua saúde o impediu de fazê-lo.

Para nós, continuar uma correspondência com vocês (e com todos) tem sido difícil por que a saúde de Murray esta constantemente declinando. Seu nível de dor da osteoartrite esta aumentando, e sim, ele toma analgésicos, mas é sua escolha os limitar, para que eles não interfiram com seu funcionamento mental. Então ele está numa constante batalha contra a dor, o que é muito desmoralizante. Ultimamente, como ele se aproxima de seu 84º aniversário, ele frequentemente se torna confuso e desorientado, incapaz de entender muitas conversas simples. Como a sua cuidadora assim como companheira, isto é talvez a coisa mais difícil para lidar. Entretanto ele mantém seu bom julgamento básico, seu espírito ainda é morno, expansivo, e amoroso, e em especial, recentemente ele se tornou fascinado com todas as notícias que ele consegue sobre os Curdos e os assuntos curdos. Vocês se tornaram um farol para ele em seus anos de declínio.

Eu estou muito honrada por seu convite para ser incluída nas discussões sobre ecologia com o movimento de mulheres curdas. Em torno de quinze anos atrás eu escrevi um livro que era crítico do “ecofeminismo” por sua natureza reacionária; desde então o “ecofeminismo” praticamente desapareceu do discurso do movimento (embora eu entenda alguns acadêmicos por aqui que ainda hesitam sobre isso). Desde então eu não me envolvi muito com o movimento feminista, pois eu preferi trabalhar como uma defensora da ecologia social.

Hoje não atuo tanto politicamente, por causa do meu trabalho de cuidar do velho Murray. Conforme ele foi se aposentando da política, eu também diminuí minha atividade para cuidar dele. Então eu não acho que poderia participar de suas discussões frequentemente, ou poder fazer alguma contribuição significativa para elas. Mas eu sou muito grata pelo convite e desejo a vocês uma frutífera troca.

Eu transmitirei imediatamente qualquer coisa que Murray seja capaz de escrever para vocês e para o Sr. Öcalan. Por favor, envie a ele nossos melhores cumprimentos.

Com calorosas saudações,

Janet Biehl

Burlington, Vermont

\*\*\*

[1] Reimar Heider é físico e ativista dos direitos humanos na Alemanha. É porta-voz da Iniciativa Internacional “Liberdade para Öcalan – Paz no Curdistão”. É o principal tradutor para o alemão das obras de Abdullah Öcalan. (NT)

[2] Abdullah Öcalan é um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), uma organização revolucionária curda formada em 1978 na Turquia. Em 1999, foi sequestrado e preso por um complô internacional coordenado pela CIA, MOSSAD, e Forças Especiais Turcas. Foi primeiro condenado a morte, e atualmente está em prisão perpétua na ilha de segurança máxima da ilha de Imrali, no mar da marmará, na Turquia. É a maior referência política e intelectual do Movimento de Libertação Curdo. (NT)

[3] Murray Bookchin (1921–2006) foi um anarquista e ecologista estadunidense. Foi o fundador da Ecologia Social e da estratégia do Municipalismo Libertário. Fundou em 1974 o Instituto por uma Ecologia Social, em Vermont, onde se dedicou a desenvolver a ecologia social e influenciou gerações de movimentos sociais feministas, urbanos, ecológicos, etc... (NT)

[4] Janet Biehl é uma escritora e ativista política estadunidense, durante décadas se dedicou a defender a Ecologia Social no Instituto por uma Ecologia Social, com importantes obras publicadas, e se tornou companheira de Murray Bookchin. Atualmente trabalha como tradutora e jornalista, e é uma das principais divulgadoras no mundo anglófono do Movimento de Libertação Curdo. (NT)

[5] Dan Chodorkoff é antropólogo, cofundador e atual diretor executivo do Instituto por uma Ecologia Social. Ativista nos movimentos ecológicos e urbanos. Professor no Goddard College em Vermont. (NT)

[6] Oliver Kontny é advogado e tradutor independente, formado em direito e ciências sociais. Traduz do turco para o alemão e inglês. Trabalhou com o time legal de advogados de defesa de Abdullah Öcalan. (NT)

[7] Immanuel Maurice Wallerstein (1930–2019) foi um sociólogo estadunidense, um dos desenvolvedores da teoria do sistema mundo. Foi um dos principais críticos do capitalismo global, e uma referência para o movimento antiglobalização. (NT)

[8] Uta Schneiderbanger nasceu na Alemanha em 20/07/1961, em 1980 se tornou uma lutadora da liberdade no movimento de libertação curdo e foi uma ativa defensora dos direitos das mulheres. Seu nome de guerra era Nûdem e pouco meses após essa carta, foi martirizada no dia 31 de Maio de 2005, na cidade de Qeladizê, em Basur (Curdistão Iraquiano). (NT)

[9] O Segundo Congresso do Povo do Curdistão (Kongra-Gel Kurdistan) aconteceu entre 16 e 26 de Maio de 2004, em Qandil, região montanhosa de Basur (Curdistão Iraquiano) onde o PKK tem bases. (NT)

# KASA, INVISÍVEL RESISTE

Ainda não conheceu a casa?  
É só aparecer!

Quer propor alguma atividade?  
Mande sua proposta para  
[kasainvisivel@riseup.net](mailto:kasainvisivel@riseup.net)

Mais informações:  
[@kasainvisível](https://www.instagram.com/kasainvisivel)

